**PLANO DE ENSINO - 2017**

CURSO: Escola Diaconal

DISCIPLINA: Patrística

**EMENTA**

A Patrística visa proporcionar uma tomada de contato com os Padres da Igreja, sua importância para a resposta dada ao desafio no campo religioso, cultural e político, que se apresentava ao cristianismo nascente.

**OBJETIVO GERAL**

Examinar as principais doutrinas dos Padres da Igreja numa tradição que, remontando dos Padres Apostólicos e dos Apologetas, se estende, entre os escritores latinos, até Gregório Magno e Isidoro de Sevilha (séc. VII) e, entre os Padres de língua grega, a João Damasceno (meados do séc. VIII).

**OBJETIVOS ESPECIFÍCOS**

1. Situar historicamente os Padres da Igreja, juntamente com as influências culturais e existenciais que marcaram o nascimento e o desenvolvimento de suas doutrinas.

2. Ressaltar as influências filosóficas que sofreram e a transformação teológica que, a partir das Escrituras, operaram sobre esse pano de fundo grego e latino.

3. Estudar as primeiras doutrinas (Didachê, Padres Apostólicos) e o embate cultural que, nos começos, ocorreu entre a mentalidade semítica e a mentalidade ocidental (grega e latina).

4. Dar ênfase, entre os orientais, às doutrinas de Gregório de Nissa e, entre os ocidentais, à teologia de Agostinho de Hipona.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

1. Considerações sobre os termos “patrística” e “patrologia”. Sinopse histórica sobre a Patrística.

2. O ambiente judaico e a comunidade cristã primitiva.

3. Os escritores cristãos dos sécs. I-II.

4. A Didaquê.

5. O gnosticismo (sécs. II-III) e a literatura anti-herética.

6. Os apologetas gregos e latinos.

7. Escritos cristãos apócrifos.

8. A escola de Alexandria.

9. A escola de Antioquia.

10. Características básicas da história do séc. IV. O arianismo. Atanásio e o Concílio de Niceia (325).

11. Símbolo Apostólico.

12. Pastores, exegetas e ascetas dos sécs. IV-V: Cirilo de Jerusalém, Ambrósio, Rufino e Jerônimo.

13. Os Santos Padres e a questão social.

14. Os Santos Padres e o problema da enculturação.

15. Os Padres Capadócios. O Concílio de Constantinopla I (381).

16. Gregório de Nissa: o homem como imagem e semelhança de Deus.

17. Gregório de Nissa: a questão da morte e da ressurreição.

18. Agostinho de Hipona: principais escritos.

19. Agostinho de Hipona: a questão do mal e da liberdade. Pelágio. O problema da graça e da natureza.

20. A literatura do Ocidente latino nos sécs. V-VII.

21. A literatura do Oriente grego nos sécs. VI-VIII.

**METODOLOGIA**

O conteúdo será apresentado na forma de aulas expositivas, mas com a participação dos alunos que – se espera – enriquecerão o conteúdo com perguntas e discussões. Será também dada ênfase – na medida do possível – à leitura de textos dos autores estudados.

**AVALIAÇÃO**

O método de avaliação será o seguinte: uma reflexão redigida em classe, a partir de questões que o professor indicará; um trabalho escrito sobre um tema relacionado com o programa do curso; uma prova final, a partir do conteúdo desenvolvido em sala de aula.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ALTANER, B. – STUIBER, A. Patrologia. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

DROBNER, H. R. Manual de patrologia. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIEBAERT, J. Os Padres da Igreja. Vol. 1: Sécs. I-IV. São Paulo: Loyola, 2000.

SPANNEUT, M. Os Padres da Igreja. Vol. 2: Sécs. IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2002.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BOGAZ, A. S – COUTO M. A. – HANSEN J. H. Patristica. São Paulo: Paulus, 2008.

AGOSTINHO, S. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_\_. A graça (I). A graça (II). São Paulo: Paulus, 1999.

Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs. Petrópolis/São Paulo: Vozes-Paulus, 2002.

FIGUEREDO, F. A. Curso de Teologia Patrística. Petrópolis: Vozes, 1983.

FIGUEREDO, F. A. Introdução à Patrística. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, C. F. Antologia dos Santos Padres. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

GREGÓRIO DE NISSA. A criação do homem. A alma e a ressurreição. A grande catequese. São Paulo: Paulus, 2011.

HAMMAN, A. Os Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1980.

MAGNO, B. – NISSA, G. – NAZIANZO, G. Os Padres da Igreja e a questão social. Petrópolis: Vozes, 1986.

PADOVESE, L. Introdução à teologia patrística. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

Padres Apostólicos. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

QUASTEN, J. Patrologia. 2 v. Madrid: BAC, 1961/1962.

**PATRÍSTICA (Pais da Igreja ou Padres da Igreja)**

**1. Definição do Termo**

**Pais da Igreja**

A palavra “padre/pai” aparece na Bíblia referindo-se a Deus e exprime temor, amor e confiança no “Ser supremo”. São os antepassados, transmissores da vida e, sobretudo, depositários das promessas de Deus. Na Igreja nascente, eles são igualmente as testemunhas da nova vida, no anúncio e na interpretação da pregação e da missão de Jesus. Na comunidade, eles gozam do papel de educadores e mestres, sendo considerados os guias espirituais na fé de Cristo.

Esse título honorífico inclui uma gama de imagens pertencentes ao acervo comum humano, ao Antigo Testamento e ao mundo greco-romano: o pai como gerador da vida e como cabeça da família, a quem compete igualmente o cuidado por ela como também a tarefa de dirigi-la com sua autoridade, como guardião e mediador da experiência e da tradição e por isso como autêntico mestre, também e, sobretudo da fé. O *pater familias* romano é o sacerdote do culto doméstico; os genitores, na compreensão do Antigo Testamento, são os representantes de Deus na família, os patriarcas são os guardiões da promessa e os fiadores da graça da Aliança com Deus, aos quais por isso se devem obediência e veneração.

Os primeiros professores do cristianismo parecem ser coletivamente chamados de “os Pais” (II Pedro 3, 4). Por isso a Igreja primitiva, até o IV século reservou este título exclusivamente para os Bispos, entendendo-se a partir do século V aos presbíteros, como atesta S. Jerônimo.

No Oriente com maior vigor que no Ocidente, a relação mestre-discípulo fundamentou uma espécie de relação pai-filho. No Antigo Testamento, os sábios foram considerados pais de seus discípulos. Pela doutrina de “Torah”, os rabinos chamavam-se pais de seus discípulos.

Santo Ireneu de Lião define que bispo é enfaticamente um "pai em Cristo", tanto porque foi ele, nos primeiros tempos, que batizou seu rebanho, e porque ele é o professor-chefe de sua Igreja. Mas ele também é considerado pelos primeiros Padres, como o destinatário da tradição de seus antecessores no ver e, consequentemente, como testemunha e representante da fé de sua Igreja antes de catolicidade e do mundo. É também aplicável de modo eminente aos bispos reunidos em concílio, “os Padres de Nicéia”, “os Padres de Trento”.

É utilizado também no sentido metafórico, por exemplo, em relação ao autor de alguma coisa, ao iniciador de certo modo de vida, a quem faz o papel de conselheiro e de mestre e a quem cuida paternalmente do outro, como no caso de Paulo, que, ao pregar o Evangelho, se considera pai de todos os que evangeliza. Aos Coríntios ele escreve: *“Ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis, contudo muitos pais. Fui eu que por meio do Evangelho vos gerei em Cristo Jesus”* (1Cor 4,15). Em 1Tm 5,1 o termo é atribuído aos anciãos: *“Não repreendas asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais; aos moços como a irmãos”.*

**2. Patrística/Patrologia**

O termo “Patrologia” se compõe de duas palavras gregas *pater* (pai) *e logos* (ensinamento, ciência ou discurso), que permitem compreendê-lo como “ensinamento dos Padres da Igreja”.

Patrística é o conjunto de escritos primitivos da era cristã, os quais registram as experiências, os ensinamentos, os rituais e a vida eclesial. Esta denominação quer distinguir os escritos do período da Antiguidade cristã. Seus escritores são intitulados Padres da Igreja.

Assim, temos a Patrística para distinguir outros modelos de teologia como: bíblica, canônica, moral e pastoral, embora a teologia patrística incorra em todas estas áreas dos estudos eclesiásticos.

Dentre os Padres da Igreja temos epíscopos, presbíteros, diáconos e leigos. Entre eles temos muitos monges e mártires. São considerados cristãos de grande santidade.

Os Padres sentiram necessidade de aprofundar, refletir, registrar e intercomunicar os ensinamentos e os rituais das comunidades cristãs. Outra função importante era o testemunho cristão diante de autoridades e mesmo o confronto e o combate dos heréticos e dos adversários das comunidades cristãs.

Ainda que pareça tratar-se, segundo a opinião de alguns, de uma só e mesma área de estudo, a “Patrologia” e a “Teologia Patrística” possuem âmbitos bem determinados.

A “Instrução sobre o Estudo dos Padres da Igreja na Formação Sacerdotal” (IEP 1989), nº 49, afirma que “a Patrística ocupa-se do pensamento teológico dos Padres” e “a Patrologia tem por objeto a vida e os escritos dos mesmos”. Deste modo, enquanto a primeira possui um carácter doutrinal e, portanto, teológico, a segunda move-se mais no contexto da indagação histórica e da informação biográfica e literária.

Os diversos pontos de vista a partir dos quais podem ser considerados explicam a distinção funcional introduzida a seguir entre patrologia e patrística, correspondente aos diferentes interesses com que se analisam os Padres e suas obras. Trata-se de uma distinção de conteúdos – não na terminologia.

O criador do termo “Patrologia” foi o luterano J. Gerhard (+ 1637), na sua obra póstuma “*Patrologia sive de primitivae ecclesiae christianae doctorum vita ac lucubrationibus oposculum”*, datada de 1653. O termo surgiu no contexto apologético da Reforma e com o objetivo de apelar para o testemunho dos Padres da Igreja como forma de justificação das ideias discutidas pelos reformadores.

O termo “Patrologia” passou então a expressar, sobretudo, o estudo histórico e literário (vida e obra) dos escritores cristãos antigos, tratando-se assim de uma disciplina de carácter eminentemente histórico, cujas principais funções são:

a) Dar a conhecer a vida e a formação dos Padres e outros escritores eclesiásticos, tendo em conta o contexto que originou a composição das suas obras;

b) Estabelecer a lista dos seus escritos, distinguindo os verdadeiros dos falsos;

c) Apreciar o carácter e a importância das suas obras;

d) Expor os aspectos doutrinais mais importantes.

Na sua origem, o termo “Patrística” é um adjetivo ligado à Teologia. Surgiu também no século XVII entre teólogos luteranos e católicos para subdividir a Teologia em “bíblica, patrística, escolástica, simbólica e especulativa”.

Deste modo, a “Teologia Patrística” tem por finalidade aprofundar, com fidelidade, o pensamento dos Padres da Igreja, para participar da compreensão que eles alcançaram dos mistérios da fé cristã.

Não se trata, portanto, de uma mera sistematização do pensamento patrístico, mas de uma verdadeira teologia, na medida em que procura compreender o mistério revelado e o desígnio de Deus, tendo como fonte e guia os Padres da Igreja.

Denomina-se, além disso, de patrística a época dos Padres da Igreja, que culminou no século VI, no Ocidente, com Gregório Magno (†604) (ou Isidoro de Sevilha [†636]) e no Oriente, no século VIII, com São João Damasceno (†749).

Para delimitar a finalização deste período, consideramos três áreas – geográfica, cultural e eclesiástica – da Igreja naqueles séculos: Oriente e Ocidente cristãos.

Tratam-se efetivamente de oito séculos muito ricos do ponto de vista da reflexão teológica, constituindo, por isso, a época patrística ou época dos Padres, o “pilar” da construção teológica posterior.

**3. Elementos presentes na definição de Patrística**

Jesus pregou a sua mensagem e anunciou o Reino de Deus só oralmente e a primeira comunidade cristã nao sentiu imediatamente necessidade de fixar tudo por escrito. Sem dúvida, por estarem ainda presentes as testemunhas oculares, que tinham seguido o Mestre e o tinham escutado. Mas pouco a pouco nasceu a necessidade de se colocar por escrito as “memorias” do Senhor. Surge então a literatura dita cristã, que se desenvolve em função das exigências da comunidade e que tem por objetivo alimentar a sua fé.

Não se sentia, de imediato, a necessidade de escrever e elaborar uma literatura cristã. De fato, reconhece-se que nao é essencial à fé a existência de uma literatura cristã. Aliás, a fé cristã nasceu de uma palavra, de um testemunho, de um ensinamento dado à viva voz. A partir, porém, dos ensinamentos apostólicos e para apoiar a proclamação do Evangelho, foram surgindo escritos, redigidos por discípulos dos Apóstolos e por outros cristãos, em épocas posteriores, mas sem o desejo de se fazer propriamente um aobra de literatura.

O início da Patrística não é definido como um marco cronológico, mas como um período de passagem. Se considerarmos que os textos bíblicos estão inscritos no período da segunda metade do Século I, consideramos que nesta passagem inicia-se o período dos “Padres da Igreja primitiva”. Esta passagem está no final do primeiro século da era cristã. Podemos apresentar a Instrução “Didaqué” como o marco inicial deste período, datada, aproximadamente, do ano 90. Consideramos ainda que temos textos bíblicos canônicos posteriores a esta data. Isso nos faz pensar que, além do tempo histórico, outros elementos caracterizam estes escritos que iremos estudar.

**4. Importância da Patrística**

Destacamos alguns pontos sobre as razões da Patrística:

1 – Compondo uma parte da História da Igreja, a primeira fase nos insere no pensamento cristão, como se partilhássemos a experiência dos primeiros seguidores de Jesus.

2 – Os escritos patrísticos são importantes na literatura greco-romana e ocupam espaço privilegiado na literatura cristã e universal.

3 – Os Padres da Igreja respondem às questões referentes à fé cristã, mas tocam e respondem a questões referente à condição humana, tanto temporal quanto transcendental.

4 – Eleva-se a capacidade e a liberdade dos Padres da Igreja de atualizar, encarnar e inculturar a fé cristã.

5 – A proximidade das fontes e a liberdade nas discussões permitem o aprofundamento dos temas doutrinais.

6 – Como todos os Padres e as escolas teológicas têm liberdade de reflexão, os temas atingem grande profundidade nas discussões.

7 – Nos tempos do martírio, os testemunhos são fundamentais para definir a santidade cristã.

8 – Apesar das discussões filológicas e filosóficas, os Padres têm grande sentido pragmático e procuram definir normas morais, ritos litúrgicos e sacramentais.

9 – Os escritos patrísticos têm valor existencial, emitindo aprofundamento do evento salvífico naquele tempo e em nossos dias.

10 – A teologia bíblica e a sistemática se aproximam da vida, ao mesmo tempo que garantem a unanimidade da fé, sem desrespeitar a pluralidade cultural dos povos. A ortodoxia se realiza como ortopráxis.

A teologia patrística é um modelo para a metodologia teológica e bíblica de todos os séculos.

**Segue a relação dos mais importantes Padres da Igreja**

São Clemente de Roma (+102), Papa (88-97); Santo Inácio de Antioquia (+110); Aristides de Atenas (+130); São Policarpo de Esmira (+156); Pastor de Hermas (+160); Aristides de Atenas (+160); Santo Hipólito de Roma (160-235); São Justino (+165); Militão de Sardes (+177); Atenágoras (+180); São Teófilo de Antioquia (+181); Orígenes de Alexandria (184-254); Santo Ireneu (+202); Tertuliano de Cartago (+220); São Clemente de Alexandria (+215); Metódio de Olimpo (séc. III); São Cipriano de Cartago (210-258); Novaciano (+257); Santo Atanásio (295 -373), Alexandria; Santo Efrém (306 – 373), diácono, Mesopotânia; São Hilário de Poitiers (310 – 367), bispo; São Cirilo de Jerusalém (315 – 386) bispo; São Basílio Magno (330 – 369) – bispo,  Cesareia; São Gregório Nazianzeno (330 – 379), bispo; Santo Ambrósio (340 – 397), bispo, Treves – Itália; Eusébio de Cesareia (+340); São Gregório de Nissa (+340); Prudêncio (384-405); São Jerônimo (348-420), presbítero  Strido, Itália; São João Cassiano (360-407); São João Crisóstomo – (349-407), bispo; Santo Agostinho (354-430), bispo; Santo Efrém (+373); Santo Epifânio (+403); São Cirilo de Alexandria (370-442), bispo; São Pedro Crisólogo (380 – 451), bispo, Itália; São Leão Magno (400-461), papa  Toscana, Itália; São Paulino de Nola (+431); Sedúlio (séc. V); São Vicente de Lerins (+450); São Pedro Crisólogo (+450); São Bento de Núrcia (480-547); SãoVenâncio Fortunato (530-600); Santo Ildefonso de Toledo (617-667); São Máximo Confessor (580-662); São Gregório Magno (540-604), Papa; Santo Ildefonso de Sevilha (+636); São João Damasceno (675-749), bispo, Damasco.

**Questões**

1 Defina o termo pais da Igreja.

2 Defina e diferencie: patrística e patrologia. Quais são as funções do estudo da patrologia e da patrística?

3 Historicamente qual é o período que compreende a patrística?

4. Qual a importância do estudo da patrística?

**Didaqué: A Instrução dos Doze Apóstolos**

O texto conhecido como *Didaqué* (Διδαχń) é antiquíssimo; remonta aos tempos da primeiríssima geração da Santa Igreja. É anterior a alguns livros da própria Bíblia Sagrada, tendo sido escrito provavelmente antes do Evangelho de S. João, do Apocalipse e de algumas das epístolas.

*"Didaqué"* é uma palavra grega que significa “instrução” ou “doutrina”, e a obra era conhecida como “A Instrução dos Doze Apóstolos”*,* – o que lembra muito o que diz o livro de Atos (2,42) sobre "o ensinamento dos Apóstolos".

Estudiosos estimam que são escritos anteriores a destruição do templo de [Jerusalém](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jerusal%C3%A9m), entre os anos 60 e 70 d.C. Outros estimam que foi escrito entre os anos 70 e 90 d.C., contudo são coesos quanto a origem sendo na [Palestina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Palestina) ou [Síria](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADria). Segundo Willy Rordorf, a Didaquê é uma “compilação anônima de diversas fontes derivadas da tradição viva, de comunidades eclesiais bem definidas”, portanto a questão da datação equivale à questão das datas das tradições ali registradas, que indubitavelmente remontariam ao século I d. C., derrubando as teses de datação tardia (séc. II).

Quanto à sua autenticidade, é de senso comum que o mesmo não tenha sido escrito pelos doze [apóstolos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ap%C3%B3stolo), ainda que o título do escrito lhes faça menção. Contudo, estudiosos acreditam na compilação de fontes orais tendo recebido os ensinamentos que resultaram na elaboração do texto. Também é senso comum que tenha sido escrito por mais de uma pessoa.

**O CAMINHO DA VIDA E O CAMINHO DA MORTE**

**CAPÍTULO I**

1Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois. 2Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça ao outro aquilo que você não quer que façam a você.

3Este é o ensinamento derivado dessas palavras: bendiga aqueles que o amaldiçoam, reze por seus inimigos e jejue por aqueles que o perseguem. Ora, se você ama aqueles que o amam, que graça você merece? Os pagãos também não fazem o mesmo? Quanto a você, ame aqueles que o odeiam e assim você não terá nenhum inimigo.

4Não se deixe levar pelo instinto. Se alguém lhe bofeteia na face direita, ofereça-lhe também a outra face e assim você será perfeito. Se alguém o obriga a acompanhá-lo por um quilometro, acompanhe-o por dois. Se alguém lhe tira o manto, ofereça-lhe também a túnica. Se alguém toma alguma coisa que lhe pertence, não a peça de volta porque não é direito.

5Dê a quem lhe pede e não peças de volta pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Bem-aventurado aquele que dá conforme o mandamento pois será considerado inocente. Ai daquele que recebe: se pede por estar necessitado, será considerado inocente; mas se recebeu sem necessidade, prestará contas do motivo e da finalidade. Será posto na prisão e será interrogado sobre o que fez... e daí não sairá até que devolva o último centavo.

6Sobre isso também foi dito: que a sua esmola fique suando nas suas mãos até que você saiba para quem a está dando.

**CAPÍTULO II**

1O segundo mandamento da instrução é:

2Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornique, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido.

3Não cobice os bens alheios, não cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo.

4Não tenha duplo pensamento ou linguajar pois o duplo sentido é armadilha fatal.

5A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na prática.

6Não seja avarento, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo.

7Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.

**CAPÍTULO III**

1Filho, procure evitar tudo aquilo que é mau e tudo que se parece com o mal.

2Não seja colérico porque a ira conduz à morte. Não seja ciumento também, nem briguento ou violento, pois o homicídio nasce de todas essas coisas.

3Filho, não cobice as mulheres pois a cobiça leva à fornicação. Evite falar palavras obscenas e olhar maliciosamente já que os adultérios surgem dessas coisas.

4Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria.

5Filho, não seja mentiroso pois a mentira leva ao roubo. Não persiga o dinheiro nem cobice a fama porque os roubos nascem dessas coisas.

6Filho, não fale demais pois falar muito leva à blasfêmia. Não seja insolente, nem tenha mente perversa porque as blasfêmias nascem dessas coisas.

7Seja manso pois os mansos herdarão a terra.

8Seja paciente, misericordioso, sem maldade, tranquilo e bondoso. Respeite sempre as palavras que você escutou.

9Não louve a si mesmo, nem se entregue à insolência. Não se junte com os poderosos, mas aproxima dos justos e pobres.

10Aceite tudo o que acontece contigo como coisa boa e saiba que nada acontece sem a permissão de Deus.

**CAPÍTULO IV**

1Filho, lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente o­nde a soberania do Senhor é anunciada.

2Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis para encontrar forças em suas palavras.

3Não provoque divisão. Ao contrário, reconcilia aqueles que brigam entre si. Julgue de forma justa e corrija as culpas sem distinguir as pessoas.

4Não hesite sobre o que vai acontecer.

5Não te pareças com aqueles que dão a mão quando precisam e a retiram quando devem dar.

6Se os trabalhos de suas mãos te rendem algo, as ofereça como reparação pelos seus pecados.

7Não hesite em dar, nem dê reclamando porque, na verdade, você sabe quem realmente pagou sua recompensa. Reverência, como à própria imagem de Deus.

12Deteste toda a hipocrisia e tudo aquilo que não agrada o Senhor.

13Não viole os mandamentos dos Senhor. Guarde tudo aquilo que você recebeu: não acrescente ou retire nada.

14Confesse seus pecados na reunião dos fiéis e não comece a orar estando com má consciência. Este é o caminho da vida.

**CAPÍTULO V**

1Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições - homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus.

2Nesse caminho trilham os perseguidores dos justos, os inimigos da verdade, os amantes da mentira, os ignorantes da justiça, os que não desejam o bem nem o justo julgamento, os que não praticam o bem mas o mal. A calma e a paciência estão longe deles. Estes amam as coisas vãs, são ávidos por recompensas, não se compadecem com os pobres, não se importam com os perseguidos, não reconhecem o Criador. São também assassinos de crianças, corruptores da imagem de Deus, desprezam os necessitados, oprimem os aflitos, defendem os ricos, julgam injustamente os pobres e, finalmente, são pecadores consumados. Filho, afaste-se disso tudo.

**CAPÍTULO VI**

1Fique atento para que ninguém o afaste do caminho da instrução, pois quem faz isso ensina coisas que não pertencem a Deus.

2Você será perfeito se conseguir carregar todo o jugo do Senhor. Se isso não for possível, faça o que puder.

3A respeito da comida, observe o que puder. Não coma nada do que é sacrificado aos ídolos pois esse culto é destinado a deuses mortos.

**A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA
CAPÍTULO VII**

1Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

2Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente.

3Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

4Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.

**CAPÍTULO VIII**

1Os seus jejuns não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação.

2Não reze como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do mal porque teu é o poder e a glória para sempre".

3Rezem assim três vezes ao dia.

**CAPÍTULO IX**

1Celebre a Eucaristia assim:

2Diga primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre".

3Depois diga sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

4Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre".

5Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: "Não dêem as coisas santas aos cães".

**CAPÍTULO X**

1Após ser saciado, agradeça assim:

2"Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

3Tu, Senhor o­nipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais e uma vida eterna através do teu servo.

4Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre.

5Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.

6Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. Maranatha. Amém."

7Deixe os profetas agradecerem à vontade.

**A VIDA EM COMUNIDADE
CAPÍTULO XI**

1Se vier alguém até você e ensinar tudo o que foi dito anteriormente, deve ser acolhido.

2Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor.

3Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho.

4Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido como o próprio Senhor.

5Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta.

6Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar o­nde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta.

7Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado.

8Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.

9Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário, é um falso profeta.

10Todo profeta que ensina a verdade mas não pratica o que ensina é um falso profeta.

11Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você; ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas.

12Se alguém disser sob inspiração: "Dê-me dinheiro" ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

**CAPÍTULO XII**

1Acolha toda aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.

2Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.

3Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.

4Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio.

5Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

**CAPÍTULO XIII**

1Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento.

2Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário.

3Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes.

4Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres.

5Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito.

6Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de vinho ou óleo, tome a primeira parte e a dê aos profetas.

7Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno, e os dê de acordo com o preceito.

**CAPÍTULO XIV**

1Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro.

2Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado.
3Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: "Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre as nações".

**CAPÍTULO XV**

1Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres.

2Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres.

3Corrija uns aos outros, não com ódio, mas com paz, como você tem no

Evangelho. E ninguém fale com uma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute uma só palavra sua até que tenha se arrependido.

4Faça suas orações, esmolas e ações da forma que você tem no Evangelho de nosso Senhor.

**O FIM DOS TEMPOS
CAPÍTULO XVI**

1Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará.

2Reúna-se com frequência para que, juntos, procurem o que convém a vocês; porque de nada lhe servirá todo o tempo que viveu a fé se no último instante não estiver perfeito.

3De fato, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio.

4Aumentando a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então o sedutor do mundo aparecerá, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo.

5Então toda criatura humana passará pela prova de fogo e muitos, escandalizados, perecerão. No entanto, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam.

6Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta; e, em terceiro, a ressurreição dos mortos. 7Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: "O Senhor virá e todos os santos estarão com ele". 8Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu.